



AS IMPLICAÇÕES DA RECONFIGURAÇÃO DOS SABERES/ FAZERES DA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR E DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Juliany Fernandes Oliveira¹ (UEG)
Lindalva Pessoni Santos²(UEG)

SESSÃO DE PÔSTER

RESUMO

O ensino superior é um espaço de aprendizagem e produção de ciência. Entretanto, por também ser um campo social está sujeito a relações de interesses e disputas de poder, ou seja, cada vez mais submetido a responder as necessidades do mundo do trabalho com todas as amarras que perpassam este contexto. Para reverter este quadro de opressão cada vez mais determinado pela conjuntura econômica e política é preciso promover uma ruptura que permita reconfigurar os conhecimentos para além da proposta da modernidade e readequar os programas de formação. Nesta perspectiva, entra também a reconfiguração do estágio supervisionado, que precisa definitivamente assumir o papel de tempo/espaço de aproximação do campo profissional por meio de uma relação indissociável entre teoria e prática. O estágio, como um dos componentes curriculares que contribui de forma decisiva na construção da identidade profissional precisa estruturar-se por meio de ações reflexivas, críticas e propositivas como meio de fortalecer a formação de um profissional de que tenha como princípios a busca pela autonomia, trabalho articulado, cooperativo e sustentado por compromisso político, social e ético. Espera-se que com este novo formato, a formação não ocorra de modo descontínua e fragmentada, mas integrada, num processo que reconstrói continuamente os saberes-fazeres de cada campo profissional. Esse artigo, portanto, objetiva através de revisão bibliográfica e análise documental de um Relatório de Estágio, discutir as possíveis implicações na formação do bacharel em Engenharia Ambiental mediante a reconfiguração dos saberes/fazeres da docência do superior e do Estágio Supervisionado. Para fundamentar e aprofundar este trabalho buscamos apoio em autores como Buriolla (2001), Kuenzer (2001), Cunha (1997, 2001), Pimenta (1997, 2005/2006), entre outros.

Palavras-chave: Ensino Superior. Reconfiguração. Estágio supervisionado. Formação profissional.

1 Graduada em Engenharia Ambiental pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Pós-graduanda em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), e-mail: juliany.f.o@hotmail.com.

2 Profa. Ms. Da Universidade Estadual de Goiás (UEG - Inhumas), e-mail: lindalpeisoni@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

A universidade sempre foi um espaço privilegiado de aprendizagem e conhecimento, contudo no contexto educativo, muitas vezes, prevalece o compromisso em formar pessoas para posições de destaque na sociedade, ressaltando assim uma relação de mercado. Segundo Demo (2004, p.48) “o que se reproduz na universidade de modo instrucionista não é formativo, mas apenas funcional e subserviente ao mercado.”

Na visão de Bourdieu (BOURDIEU, 1983 apud. CUNHA, 1997, p.88), o espaço universitário:

[...] como lugar onde se produz ciência é um campo social como qualquer outro e, como tal, está sujeito ao estabelecimento de relações de força e monopólios, com disputas concorrenciais para o alcance de interesses e lucros. A comunidade científica reflete as mesmas disputas de qualquer campo social na organização capitalista da sociedade.

Diante das exigências do mercado de trabalho capitalista e de sua respectiva competitividade pode-se concluir que a formação geral tem sido uma formação genérica, conferindo ao ensino superior o status de terceira etapa da educação básica, o que passa a significar o aligeiramento e precarização da formação (KUENZER, 2001).

No Brasil, as instituições de ensino estão cada vez mais dependentes das necessidades do mercado e por isso acabam flexibilizando a formação, estimulando a oferta de cursos de graduação, principalmente o bacharelado, na rede privada; essa tendência crescente de oferta de cursos superiores contribui sobremaneira com a precarização do ensino, uma vez que o processo formativo está voltado prioritariamente para a questão da empregabilidade.

Essas novas incorporações de modalidades de aprendizagem baseada no trabalho é um grande desafio da formação e por isso, as instituições readéquam os programas convencionais as novas oportunidades que um currículo formativo vinculado ao mercado de trabalho oferece.

Em virtude das dificuldades advindas do processo formativo, diante das implicações/interferências do mercado de trabalho, e da reflexão da prática profissional ou ausência desta durante a graduação e a possibilidade de crescimento através da disciplina de estágio supervisionado, esta pesquisa tem por objetivo mostrar as implicações de uma reconfiguração da formação no ensino superior e do estágio curricular na constituição dos graduandos de Engenharia, numa perspectiva crítica, reflexiva e prática-teórica da profissão.



O presente trabalho estruturou-se em uma análise sobre a formação acadêmica e profissional, com destaque para o papel do estágio do curso de Engenharia Ambiental.

Neste sentido, o estágio curricular obrigatório não é mais um componente dos cursos, mas um componente da formação que deve ser influenciado por todas as disciplinas curriculares (ZABALZA, 2004).

O estágio, como inserção na prática profissional, é concebido por muitos estudiosos, como um espaço de aprendizagem, um campo de treinamento, onde um leque de situações, de atividades de aprendizagem se manifesta para o estagiário, tendo em vista a sua formação, além, de possibilitar que a identidade profissional seja construída, voltada para o seu desenvolvimento, por meio de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica. Nesta perspectiva, o Estágio Curricular é concebido como um espaço de conhecimento, análise, aprendizagem, superação da dicotomia entre teoria e prática e como possibilidade real de intervenção no campo profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A RECONFIGURAÇÃO DOS SABERES/FAZERES DA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR.

O professor é um ser mediador e pode compor um projeto pedagógico efetivo, desde que ecloda com o projeto capitalista que preza pelo processo de competição e avaliação contemplado em aspectos quantitativos (notas) e a busca da eficiência. A construção de um novo projeto de formação passa pelo processo de reestruturação e mudanças nas práticas pedagógicas a partir do pensamento crítico, reflexivo e dialogado, que engloba tanto os aspectos técnicos quanto políticos.

Atualmente, o mercado tem sido chamado para regular os saberes necessários por meio de avaliações formais e oficiais que exercem força indutora considerável sobre os eixos norteadores dos cursos, sobrepondo-se, inclusive, aos pressupostos do projeto pedagógico, por isso, o conflito entre formar e instruir se mantém (DE SORDI, 2005, p.122).

A educação deve ser de qualidade sempre e não há dúvidas, de acordo com Zabalza (2004), de que qualidade está ligada a formação, pois esta é a principal condição para que se progrida. Contudo, é pouco provável que qualquer crescimento de qualidade não passe por um



desenvolvimento mais consciente das práticas docentes, numa combinação de esforços entre profissionais e instituição.

A docência superior é um processo complexo que envolve a dimensão pessoal, profissional e institucional. Ela integra o saber e o saber-fazer próprios de uma profissão, por isso é tão importante discutir a constituição da docência e compreender que esta, de acordo com os estudos de Isaia e Bolzan (2008), pode ser atravessada por três orientações: a primeira ressalta a emergência dos sentimentos, conferindo sentido e significado pessoal e profissional; a segunda indica a prioridade do conhecimento específico em função da realidade para o qual estão se formando e a terceira decorre fundamentalmente do duplo movimento consciência e pessoa.

De acordo com VEIGA (2006), a permanente formação e o desenvolvimento profissional não podem ocorrer de modo fragmentado e descontínuo, pois a formação é uma ação contínua e progressiva; o processo de formação é contextualizado histórica e socialmente; o processo de formação é inspirado por objetivos que sinalizam a opção política e epistemológica adotada e é um processo coletivo que significa uma articulação entre formação pessoal e profissional.

Espera-se, pois, com isso que os alunos mobilizem os conhecimentos da teoria e da prática, que são necessários à compreensão do ensino como realidade social, e que desenvolva neles a capacidade de investigar a própria atividade para constituir e transformar os saberes-fazer, num processo contínuo de construção de suas identidades profissionais (PIMENTA, 1998).

Nesta perspectiva, a formação profissional precisa ser repensada, afinal como diz Demo (2004, p. 49), “ser profissional, em primeiro lugar, não é só exercer a profissão, mas saber renová-la de maneira permanente. É fundamental ser mentor de sua profissão, não somente serviçal”.

Percebe-se então que o importante é a consciência de que a superação dos desafios só pode ser encontrada em um trabalho participativo, onde os alunos (futuros profissionais) não podem ser esquecidos, pois representam o preparo das novas gerações de profissionais para atuarem nas mais diversas áreas da sociedade (ISAIA; BOLZAN, 2008).

Nesse contexto “precisamos estar empenhados em ressignificar os processos



formativos desde a reconsideração dos saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e docente escolar como objeto de análise”, uma vez que, os saberes pedagógicos podem colaborar com a prática (PIMENTA, 1998, p.163). A docência universitária exige inovação e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, pois esta tende a atividade reflexiva e problematizadora do futuro profissional (VEIGA, 2006).

É preciso lembrar que temos diversos desafios a serem enfrentados na caminhada de formação/constituição profissional pelos professores, instituições e alunos onde as prioridades devem estar voltadas a viabilizar a formação continuada, proporcionar interação entre professores e graduandos com o contexto formativo, estabelecer políticas voltadas para o desenvolvimento profissional, mediar os saberes/fazer e buscar autonomia, sempre enfatizando a necessidade de um trabalho articulado e cooperativo (ISAIA; BOLZAN, 2008).

Pimenta (1998) ainda salienta que uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão; da revisão continua dos significados sociais da profissão e da reafirmação de práticas significativas, além de seu significado com base em seus valores, o modo de situar-se no mundo, sua história de vida, seus saberes e anseios, de forma a mobilizar os saberes da experiência.

Para que haja uma ruptura com a proposta do paradigma da modernidade e haja uma reconfiguração no campo da docência superior, em seus estágios consequentemente na formação profissional, é necessário, segundo Cunha (2001), promover ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender; implantar uma gestão participativa por meio da qual os sujeitos do processo inovador sejam protagonistas; valorizar os diferentes saberes e reorganizar a relação teoria/prática na perspectiva de superar a preposição de que a teoria precede a prática.

A reconfiguração no ensino universitário exige empreender a busca de um novo paradigma que leve em consideração as relações, as conexões e as interações entre ciência, consciência, homem, natureza e sociedade; a perspectiva de mudança e inovação carece entre outras coisas de uma reforma do pensamento e a abertura para perceber outras possibilidades além do que está posto pelo paradigma dominante (MORIN, 1999, apud SANTOS, NASCIMENTO, 2017, p. 219).

O movimento de mudanças no ensino superior não é homogêneo e nem linear, porém já se faz presente em ações solitárias ou coletivas de instituições e professores, uma vez que



há uma exigência cada vez maior desses profissionais – de todas as áreas – para a construção de uma sociedade mais justa, mais consciente, mais cooperativa.

3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENGENHARIA AMBIENTAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ENTRE O PRESCRITO E O REALIZADO

O estágio desempenha um papel decisivo na formação do aluno, para a sua inserção na prática profissional, sendo concebido como uma situação-processo de ensino aprendizagem, espaço para a compreensão da relação teoria e prática. Para Buriolla (2001, p. 79), ele se constitui em

um processo de treinamento profissional; como o campo de formação profissional onde o aluno exercita a prática profissional, proporcionando ao mesmo oportunidades de experiências variadas; como o espaço onde as diferentes posições e projetos profissionais afloram e onde se pode debaterlas democraticamente; como momento privilegiado de contato do aluno com a realidade social [...].

Pimenta e Lima (2005/2006) afirmam que o estágio constitui um campo de conhecimento onde se desenvolvem as práticas educativas e, também, atividades de pesquisa. Essa visão de estágio como campo de conhecimento e de pesquisa deve estar atrelada à ideia da indissociabilidade entre teoria e prática, o que, no entanto, não se atribuía a tal perspectiva uma relevância significativa, pois “o estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p. 6).

O Estágio Curricular Supervisionado é um tempo-espaço de formação docente que propicia ao aluno uma aproximação da realidade profissional que irá atuar. Deve constituir-se em um processo de reflexão, a partir da realidade e caminhar para uma ação transformadora. Para constituir-se como tal é necessário o desenvolvimento do estágio numa perspectiva investigativa, que supere a dicotomia teoria e prática a partir do conceito de práxis.

Por esse motivo, o Estágio Supervisionado é uma importante etapa na formação profissional, uma vez que este caracteriza na vida do educando em formação um momento de vivência das diversas experiências que constituem a sua futura profissão. Essas experiências podem contribuir de forma bastante significativas para o desenvolvimento de práticas



pedagógicas de caráter necessariamente intencional que abarquem a totalidade e a interdependência entre as diversas ações desenvolvidas nas instituições de ensino.

Categorizar o papel do Estágio Curricular Supervisionado na formação é buscar compreender a relação que se estabelece entre teoria e prática. Desse modo, o estágio corresponde a uma forma de aprendizagem que se desenvolve a partir da parceria entre universidade e campo, levando o aluno estagiário a articular a teoria e prática para a compreensão e desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem e de seu campo profissional.

Segundo Pimenta e Lima (2012, p.57) “teoria e prática estão presentes tanto na universidade quanto nas instituições-campo”. Para as autoras, o grande desafio é prover uma relação entre o que se teoriza e o que se pratica, durante o processo de formação. Mas isso depende da forma como o estágio é concebido e materializado nos cursos superiores, se este é entendido como eixo curricular e campo de conhecimento, o mesmo contribuirá para a formação de um profissional reflexivo, crítico e pesquisador, que estará capacitado para articular os saberes teóricos com os saberes da prática do seu campo profissional.

Neste contexto, o estágio constitui-se por uma atividade de aprendizagem social, profissional e cultural, que visa levar o acadêmico a vislumbrar situações reais relativas à realidade do cotidiano profissional. Segundo Santos (2014, p. 45) “o Estágio Supervisionado cumpre o seu papel quando se torna um espaço significativo na construção da identidade profissional permitindo ao estagiário identificar os desafios e as possibilidades da profissão” [...].

Segundo a autora supracitada, o exercício de reflexão sobre a prática abre um campo de possibilidades de troca de experiência, diálogo, construção de conhecimento e de problematização da realidade. A supervisão no estágio permite ampliar a análise do contexto de onde ocorrem os estágios e o papel do professor, neste caso, é fundamental para estimular uma visão crítica nos profissionais que terão a oportunidade de produzir novos conceitos diante da realidade em que estão atuando (SANTOS, 2014).

Contudo, nem sempre a supervisão acontece de forma adequada durante a disciplina de estágio “supervisionado”. Na graduação, em engenharia ambiental, não se prima pela relação essencial entre aluno, professor e instituição e a ressignificação dos saberes do campo



profissional, uma vez que os próprios discentes são os responsáveis pela busca do local de estágio, a instituição pela documentação vigente para concessão do mesmo e o professor orientador por apenas formalizar todo o processo.

Este formato de estágio contraria o papel que ele deve exercer no processo formativo dos futuros profissionais, bem como a função do professor orientador que deveria acompanhar todo o processo, a começar pela escolha do local do estágio, pela elaboração de um plano de estudos e o projeto de intervenção a partir do levantamento de dados e análises das necessidades ou possibilidades de transformação no espaço que serviu de campo.

Para Santos (2014, p. 46)

É nesta perspectiva que se faz necessário que o professor/a supervisor/a de estágio junto com seu grupo de alunos busque formas diversificadas de leitura e compreensão da realidade vivenciada a fim de transformá-la, dentro de uma visão crítica e criativa.

De acordo com a definição, o Engenheiro Ambiental é um profissional que atua nos aspectos de relacionamento entre o homem e o meio ambiente e seus efeitos na cultura, no desenvolvimento socioeconômico e na qualidade de vida, portanto, se faz necessário que este esteja em constante processo de reflexão e ressignificação da profissão, pois somente assim ele conseguirá atuar de maneira humanista e crítica.

No entanto, essa perspectiva não se evidencia quando analisamos um Relatório de Estágio³ da graduação desse curso, uma vez que ele se apresenta extremamente objetivo, técnico e superficial, contrariando a nova configuração da docência no ensino superior e do formato de estágio por ela desenhada. Esta superficialidade pode ser constatado no fragmento do Relatório de Estágio da Engenharia Ambiental (2015)

O estágio é uma etapa do curso muito importante para o aluno, pois apresenta vários pontos que são imprescindíveis na formação de um profissional. É importante ressaltar que o aprendizado teórico ministrado na Universidade é de fundamental importância, mas sua aplicação nas funções práticas no dia a dia do profissional, também o é.

O fragmento do Relatório demonstra a concepção que o conteúdo teórico é aprendido na universidade e depois posteriormente aplicado em situações reais. Nessa perspectiva, a relação indissociável entre teoria e prática não se configura como algo inerente ao processo de construção do campo profissional dessa área.

³Juliany Fernandes Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Relatório de Estágio, 2015.



Entende-se, portanto, que o Estágio se constitui em um campo de conhecimento, em que tanto a realidade quanto os sujeitos envolvidos no processo devem ser levados em consideração no tocante às análises e intervenções propostas pelos estagiários durante seu percurso e futuramente como profissionais da área.

Aindissociabilidade entre teoria e prática deve ser superada a partir da compreensão do conceito de práxis, o qual aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa, que envolve a pesquisa, a reflexão e a intervenção na vida das pessoas por meio de sua atuação profissional.

De acordo com os estudos de Calderano (2012, apud SANTOS 2014, p. 47) o “estágio curricular realiza seu papel quando é possível efetivar a relação entre os diferentes níveis de ensino, considerando que a universidade, responsável pelo aluno e pelo estágio, deve tomar a iniciativa de colocar-se como parceira no campo de estágio, valorizando as contribuições das instituições no processo de formação”, afinal, um trabalho coletivo pode construir uma prática melhor.

Nessa perspectiva, Ferreira (2016) diz que o papel do professor orientador é fundamental, pois este que avaliará o plano de atividades/estágio e acompanhará o aluno na elaboração do relatório, além do mais, o diálogo com o supervisor (professor) se torna relevante para o desenvolvimento das competências, habilidades e reflexões do educando.

Segundo a Resolução CNE/CES 11/2002, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia estetem como perfil do formando egresso/profissional o engenheiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade. E a formação do engenheiro incluirá, como etapa integrante da graduação, estágios curriculares obrigatórios sob supervisão direta da instituição de ensino, através de relatórios técnicos e acompanhamento individualizado durante o período de realização da atividade. A carga horária mínima do estágio curricular deverá atingir 160 (cento e sessenta) horas (BRASIL, 2002).

No entanto, o que está disposto nas Diretrizes não se concretiza no decorrer do Curso,



uma vez que a graduação em Engenharia ambiental não prima pela relação primordial entre teoria e prática, principalmente mediada pela disciplina estágio. Isto se torna mais claro quando entramos em contato com a nova configuração da docência no ensino superior e o papel de estágio na formação profissional.

Esta configuração do estágio reflete na formação dos engenheiros ambientais, a sociedade do conhecimento requer desse profissional competências e habilidades novas, com facilidade para inovar, empreender e ressignificar as práticas, como falam Borges e Almeida(2013, apud FERREIRA, 2016).

O estágio supervisionado para Ferreira(2016, p. 41):

[...] é um forte aliado da instituição de ensino no sentido de inserir ou facilitar o primeiro contato do discente no mercado de trabalho. No entanto, para que o estágio cumpra na integra com o seu papel, não sendo uma forma de trabalho precário e, sim, uma ação pedagógica transformadora, na preparação de futuros profissionais, faz-se necessário um diálogo transparente entre a instituição de ensino, entende-se, gestores, discentes e empresas a fim de instituir rotinas que permitam atingir este objetivo.

Percebe-se, portanto, que o estágio propõe ao aluno o preparo efetivo para a sua atuação profissional, através de práticas em situação social concreta, levando o estagiário a questionar a realidade em que se encontra, possibilitando uma visão mais crítica e criativa de sua área profissional, além, de proporcionar aprendizagens sob a reflexão crítica de sua ação, tendo em vista a elaboração de novos conhecimentos.

Nesse sentido redimensionar o estágio, buscando resgatar a sua identidade como componente curricular é um dever da universidade comprometida com a formação de profissionais que, no exercício da reflexão, da produção intelectual e da construção do conhecimento, capacitam-se para responder aos anseios da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que diante de tantos desafios, é de extrema importância, iniciativas coletivas (alunos, professores e instituições), com um trabalho participativo entre todos os envolvidos, favorecendo o desenvolvimento profissional. Sendo assim, a formação é um processo contínuo e integrado, que requer permanente reflexão e constante ressignificação identitária.



Portanto, não seria errado afirmar que o estágio supervisionado é o elo fundamental da universidade com o ambiente profissional, do aluno com os demais profissionais, com as inovações tecnológicas, com os desafios da engenharia ambiental e da relação teórica e prática esperada pelos engenheiros em formação no país.

Pois bem, se o ensino superior superar esses desafios, retomando a relação entre conteúdo e método e desenvolvendo propostas curriculares que possibilitem a autonomia intelectual e ética na perspectiva do trabalho coletivo na construção da sociedade, as mudanças no campo formativo podem gerar uma semente de transformação no campo profissional (KUENZER, 2001).

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia**. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES112002.pdf> >. Acesso em 12 de junho de 2018.

BURIOLLA, Marta Alice Feiten. O espaço do Estágio. In: _____. **O Estágio Supervisionado**. 3ed. - São Paulo: Cortez, 2001. p. 13- 82.

CUNHA, Maria Isabel da. Aula Universitária: Inovação e Pesquisa. In: LEITE, Denise e MOROSINI, Marília (orgs.). **Universidade futurante: Produção de ensino e inovação**: Campinas, SP: Papyrus, 1997.

CUNHA, Maria Isabel da. Inovações: Conceitos e Práticas. In: CASTANHO, Sergio e CASTANHO, Maria Eugenia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**: Campinas, SP: Papyrus, 2001.

DE SORDI, Mara Regina Lemes. Avaliação universitária: mecanismos de controle, de competição e exclusão ou caminho para construção da autonomia, da cooperação e da Inclusão? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; NAVES, Maria Lomônaco de Paula (Orgs.). **Currículo e avaliação na educação superior**. Araraquara – SP: Junqueira e Marin, 2005. P 121-148.

DEMO, Pedro. Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos / Pedro Demo. – Porto Alegre: Mediação, 2004. 160 p.



FERREIRA, Marcia das Neves. O papel do estágio curricular supervisionado: um estudo de caso dos cursos de engenharia de produção do CEFET/RJ. 2016.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar e BOLZAN, Doris Pires Vargas. **Pedagogia universitária e aprendizagem docente: tensões e novos sentidos da profissionalidade.** Anais VII do Redestrado. Buenos Aires, 2008. 24p.

KUENZER, AcaciaZeneida. O que muda no cotidiano da sala de aula universitária com as mudanças no mundo do trabalho?. In: CASTANHO, Sergio e CASTANHO, Maria Eugenia (orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior:** Campinas, SP: Papyrus, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. In: _____. **Estágio e docência:** diferentes concepções. Revista Poésis – Volume 3, Números 3 e 4, 2005/2006, p. 5- 24.

_____. **Estágio e Docência.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: Saberes da Docência e Identidade do Professor. In: FAZENDA, Ivani C. A. (org.) **Didática e Interdisciplinaridade: Campinas, SP: Papyrus, 1998.**

SANTOS, Lindalva Pessoni. **O estágio supervisionado e o/a professor supervisor/a: a construção de saberes e fazeres necessários à prática educativa.** Anais III Semana de Integração. Inhumas, 2014. p. 44 a 48.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência Universitária na educação superior. In: RISTOFF, Dilvo e SEVEGNANI, Palmira (Orgs.). **Docência na educação superior:** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. P.85-96.

ZABALZA, Miguel A. Grandes desafios da formação dos professores universitários. In: ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário seu cenário e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed, 2004.p 169.